

TRADUÇÃO
Letícia Mei

DESENHOS
João Loureiro

PREFÁCIO
Bruno Latour

**O que
diriam os
animais?**
Vinciane Despret

9

PREFÁCIO

As fábulas científicas de uma La Fontaine empírica

Bruno Latour

20

Modos de usar

21

A de Artistas

Bichos pintores?

31

B de Bestas

Os macacos sabem mesmo macaquear?

43

C de Corpo

É educado urinar na frente dos animais?

53

D de Delinquentes

Os animais podem se revoltar?

63

E de Exibicionistas

Os animais se veem como nós os vemos?

75

F de Fazer científico

Os animais têm um senso de prestígio?

89

G de Gênios

Com quem os extraterrestres
gostariam de negociar?

99

H de Hierarquia

A dominância dos machos não seria um mito?

111

I de Imprevisíveis

Os animais são modelos
confiáveis de moralidade?

125

J de Justiça

Os animais assumem compromissos?

141

K de Kg

Existem espécies matáveis?

153

L de Laboratório

Qual o interesse dos ratos nos experimentos?

165

M de Mentirosos

A mentira seria uma prova de boas maneiras?

179

N de Necessidade

É possível levar um rato ao infanticídio?

195

O de Obras de arte

Os pássaros fazem arte?

207

P de Pegas-rabudas

Como fazer os elefantes
gostarem do espelho?

219

Q de Queer

Os pinguins estão saindo do armário?

231

R de Reação

As cabras concordam com as estatísticas?

243

S de Separações

É possível danificar um animal?

255

T de Trabalho

Por que dizem que as vacas não fazem nada?

267

U de Umwelt

Os bichos conhecem os costumes do mundo?

279

V de Versões

Os chimpanzés morrem como nós?

293

W de Watana

Quem inventou a linguagem
e a matemática?

305

X de Xenotransplantes

É possível viver com um coração de porco?

319

Y de YouTube

Os animais são as novas celebridades?

331

Z de Zoofilia

Os cavalos deveriam consentir?

345

Agradecimentos

347

Sobre a autora



PREFÁCIO

As fábulas científicas de uma La Fontaine empírica

Bruno Latour

Prepare-se para ler histórias sobre “O porco que tentou mentir”, “A pega-rabuda inteligente demais” e “A elefanta e o espelho”, além de “O papagaio que se recusa a papaguear” e “A vaca que quer meditar”, e não perca “As cabras que não podem ser contadas”, “O pinguim que leu muitas histórias *queer*” e várias, várias outras. Prepare-se para ler bastante sobre ciência, mas também para aprender sobre as diversas formas de fazer ciência bem, mal ou pessimamente. Você está prestes a adentrar em um novo gênero, o das fábulas científicas – e com isso não me refiro à ficção científica ou a histórias falsas sobre a ciência, mas, pelo contrário, a formas de entender de verdade o quão difícil pode ser descobrir o que os animais estão aprontando. Este é um daqueles livros preciosos que integram o novo e ascendente domínio das humanidades científicas, termo que significa que, para entendermos o que os animais têm a dizer, todos os recursos da ciência e das humanidades precisam ser mobilizados.

O problema com os animais é que todos nós temos alguma experiência com bichos e milhares de ideias sobre como eles se parecem

ou não com humanos. Então, caso alguém ofereça explicações sistemáticas sobre seus costumes, imediatamente terá de nadar contra uma corrente de “mas meu gato faz isto”, “vi no YouTube um leão fazendo aquilo”, “cientistas demonstraram que os golfinhos agem de tal modo”, “na fazenda do meu avô, os porcos costumavam se comportar de outra forma” e assim por diante. O lado bom disso é que, sempre que animais são mencionados, todo mundo se interessa em ouvir a respeito; o lado ruim é que as explicações serão sufocadas por versões alternativas que derivam de preocupações e experiências totalmente diferentes no trato com os animais.

A maioria dos cientistas, quando confrontada com esse ruído de abordagens alternativas, buscará se distanciar de tudo isso, começar do zero e imitar, da forma mais exata possível, o que colegas de profissão em áreas vizinhas do conhecimento fizeram com os objetos de pesquisa físicos e com as reações químicas. Não importa o que as pessoas comuns, donas de animais de estimação, pecuaristas, ambientalistas e documentaristas de televisão tenham dito, tudo isso será deixado de lado como um apanhado de meras “anedotas”. E o mesmo será feito com o que cientistas de séculos anteriores – ou colegas de hoje em dia, com formações diferentes – tiverem relatado sobre algumas circunstâncias incomuns, por exemplo, em suas várias observações em trabalhos de campo. “Chega de anedotas; vamos começar com dados reais em um ambiente controlado, o laboratório, para que possamos estudar o comportamento dos animais sob a luz mais objetiva, imparcial e distante possível.”

Se os amadores devem ser expulsos, como clamam esses cientistas, é por contar histórias sobre as quais nunca será possível saber, ao ouvi-las, se seu conteúdo provém de suas próprias emoções, atitudes e costumes ou dos animais *em si mesmos*. Apenas as condições rigidamente controladas do laboratório serão capazes de proteger a produção do conhecimento contra as armadilhas do “antropomorfismo”. Uma reação como essa produz um paradoxo interessante: apenas a criação de condições altamente *artificiais*

da experimentação laboratorial detectaria o que os animais de fato aprontam quando se encontram livres da imposição *artificial* de valores e crenças humanos. Daí em diante, apenas um conjunto de explicações sistemáticas sobre o que os animais fazem nesses ambientes valerá como ciência de verdade. Todas as outras serão qualificadas como “histórias”, e os contadores de histórias serão descartados como meros amadores.

Ao longo dos últimos vinte anos, Vinciane Despret, que possui formação em psicologia experimental e clínica e também em filosofia, nunca parou de investigar este estranho paradoxo: por que é que o conhecimento científico sobre os animais deve ser criado sob condições tão artificiais para que possa *se livrar* de todas as condições igualmente artificiais em que humanos encontram animais? Seria a luta contra o antropomorfismo tão importante a ponto de abrir espaço ao que Despret chama de um “academicentrismo” generalizado? Com isso, a autora quer dizer que apenas um registro muito pequeno de atitudes se impõe não só sobre os animais, mas também sobre aqueles que leem relatos científicos. Não parece um pouco bizarro esperar que descrições naturalistas sejam obtidas com o uso de artifícios, enquanto situações que ocorrem naturalmente sejam consideradas geradoras de ficções artificiais? Já que, afinal de contas, o conhecimento sempre é produzido por razões artificiais e em ambientes artificiais, por que não usar os milhares de situações em que humanos interagem “naturalmente” com animais – inclusive no manejo diário de animais de laboratório e na elaboração de novos experimentos, assim como nas práticas de treinadores e criadores – para *acumular* conhecimento, e não *subtraí-lo*?

Vinciane Despret integra uma estirpe especial de filósofos empíricos. Por vezes prestamos pouca atenção ao fato de que existem duas espécies principais de empiristas: os empiristas *subtrativos* e os empiristas *aditivos*. Os primeiros estão interessados no estabelecimento de suas próprias afirmações, mas apenas sob a condição de que o que afirmam diminua o número de alternativas e limite a

quantidade de vozes que busquem participar da conversa. Eles estão atrás da simplificação e da aceleração – e por vezes até mesmo da própria eliminação – das narrativas e, se possível, também gostariam de silenciar os contadores de histórias. Os empiristas *aditivos* estão igualmente interessados em fatos objetivos e na consolidação de seus enunciados, mas gostam de acrescentar, de complicar, de criar distinções e, sempre que possível, de avançar com mais calma; acima de tudo, hesitam e, assim, multiplicam as vozes que podem ser ouvidas. São empiristas, mas à moda de William James: se tudo o que buscam é o que emana da experiência, certamente não buscam nada *menos* do que a experiência. Como Isabelle Stengers – uma das mais importantes fontes de inspiração para o método original de Despret – gosta de dizer, a ciência se rebaixa quando se vale de seus sucessos para eliminar outras explicações. Mais do que defensoras de “ou isto, ou aquilo”, Stengers e Despret são grandes proponentes do “e isto, e aquilo”.

Como ser um empirista *aditivo* consistente? Primeiro, é preciso levar muito a sério e ler com bastante cuidado todas as explicações dos empiristas *subtrativos*. A genialidade de Despret está em ler a literatura científica não para revisá-la – ou seja, extrair os poucos fatos concretos e descartar o resto como irrelevante –, mas para explorar o que esse conjunto revela sobre as dificuldades infundáveis na criação de ambientes significativos voltados a replicar algumas das condições em que humanos e animais interagem ou, mais importante, em que animais interagem com outros animais. E, depois, em um segundo movimento, Despret se vale dessas dificuldades para lançar luz sobre como os muitos outros tipos de produtores de conhecimento também lidam com os animais, mas o fazem a partir de um tipo completamente diferente de cuidado. É claro que as explicações derivadas de laboratórios, com suas descobertas que são tão maravilhosamente reveladoras, precisam ser consideradas, mas sem que daí lhes sejam atribuídos poderes para eliminar abordagens alternativas.

Uma atitude tão generosa como essa diante da literatura científica causa um efeito extraordinário – o que eu gosto de chamar o “efeito Despret” –, em que um *corpus* austero de ciência que trata de centenas de situações experimentais muitas vezes bizarras se torna fascinante à leitura. Tudo é tratado com humor, mas sem nenhuma ironia e, o que é o mais estranho, sem sinal do tom de crítica tão frequentemente empregado por amantes de animais contra as proposições científicas. Quando se é um empirista *aditivo*, é preciso resistir a todas as formas de subtração: o eliminativismo daqueles que procuram expulsar os amadores, mas também o eliminativismo daqueles que sonham em evitar por completo a ciência – duas formas de obscurantismo complementares e em competição.

Graças ao efeito Despret, a cada vez que nos indignamos com uma versão alternativa do que um animal deveria fazer surge uma nova oportunidade para hesitar sobre como atribuir agência a humanos e também a animais. Passamos da questão do antropomorfismo para aquela muito mais interessante da *metamorfose*, com o que me refiro não só ao policiamento das fronteiras entre o que é humano e o que é animal (uma questão limitada, se é que algum dia houve algo do tipo), mas à exploração da natureza multifacetada do que significa ser “animado”. Cientistas, criadores e amantes de animais, donos de animais de estimação, funcionários de zoológicos, comedores de carne – estamos todos constantemente tentando evitar a inanimação ou a hiperanimação daqueles seres com quem trocamos de forma o tempo todo (“trocar de forma” é a tradução literal de *metamórphōsis*).

Após numerosas investigações de longa duração, Vinciane Despret, em *O que diriam os animais?*, decidiu apresentar grande parte de seu trabalho anterior em uma série de capítulos curtos cuja leitura é muito parecida com a das fábulas de La Fontaine, a não ser pelo fato de que as fábulas de Despret não estão ancoradas em um folclore milenar; em vez disso, cada uma delas tem sua base de sustentação em um *corpus* específico de literatura científica e etnográfica sobre um ou vários encontros com animais.

O que liga este livro às fábulas é, certamente, aquilo que os animais dizem ou, mais precisamente, “diriam” se pudéssemos fazer as “perguntas certas”. Enquanto no gênero tradicional da fábula não há problemas aparentes no ato de fazer os animais falarem algo engraçado, crítico, astuto, irônico ou tolo, aqui cada exemplo de expressão se relaciona com *como* as questões são formuladas. E as questões são frequentemente engraçadas, críticas, astutas, irônicas ou francamente tolas – algumas vezes criminosas (como na fábula que poderia ter sido chamada “O sádico Harlow e seus macacos”). De modo que cada fábula nos aproxima um pouco mais do que poderia ser considerado como os distúrbios coletivos de fala de indivíduos que, não tivessem eles mesmos tanta dificuldade de escutar, seriam capazes de fazer os outros dizerem algo.

Nas mãos de Despret, a capacidade de fazer os animais dizerem algo relevante se mostra contagiante: questões tolas criam animais tolos interpretados por pessoas que acabam ainda mais tolas; questões astutas nos mostram animais astutos e que, graças às transcrições de seus feitos, tornam os leitores mais inteligentes diante do mundo. Quando lemos Despret, não há dúvidas de que o mundo ganha em complexidade e de que o significado daquilo em que consiste ser “animado” passa por uma metamorfose profunda.

Mas o que faz com que este livro pertença a um gênero renovado de fábulas científicas é que cada um dos capítulos curtos termina com *uma moral* – não as lições de moral um tanto quanto tediosas que La Fontaine gostava de acrescentar às próprias histórias, mas, pelo contrário, uma série de máximas filosóficas bastante audaciosas. As *fabliaux* de Despret não são nada menos do que um livro sobre métodos científicos que pode ser lido tanto por jovens cientistas que estejam começando na área da etologia como por todos aqueles que nunca sabem ao certo como devem receber as notícias que a ciência traz de “seus” animais.

De certo modo, este livro pode ser lido como uma série de contos morais não só sobre ciência, mas também, do ponto de vista do

público em geral, sobre como fazer experimentos em nós mesmos a respeito de nossas próprias reações éticas. Isso é particularmente verdade quanto à questão de como os animais de produção são tratados – um assunto bastante complicado. Como poderia a questão da agência, mesmo em um caso tão delicado como esse, ser defendida por uma forma aditiva de empiricismo, e não subtrativa? Na fábula que poderia ser intitulada “O vaqueiro e a vaca trabalhadora”, Despret menciona o estudo de sua amiga Jocelyne Porcher, cuja posição particular é

a de sempre pensar os homens e os animais, os criadores e seus bichos, juntos. Não considerar mais os animais como vítimas é pensar uma relação que pode ser diferente de uma relação de exploração; é, ao mesmo tempo, pensar uma relação na qual os animais – por não serem idiotas naturais ou culturais – estão ativamente implicados, dão, trocam, recebem, e – porque não se está no âmbito da exploração – os criadores dão, recebem, trocam, crescem e deixam seus animais crescerem.¹

Por que é tão difícil evitar a negação da agência quando lidamos com animais? Bem, é por causa dessa ideia estranha de sempre inanimar entidades por medo de as hiperanimar, ou seja, de atribuir-lhes algum tipo de “alma”. O que faz com que a tentativa de Despret seja tão excepcional é o uso que ela faz da própria literatura que tenta inanimar os animais com o propósito expresso de mostrar quão “animados” eles são. Mas esse “animado” está tão longe de ter uma alma quanto de agir como um computador. E essa constatação é algo que Despret alcança não apenas com exemplos de matiz behaviorista – o que agora se tornou um baú de tesouros de anedotas engraçadas –, mas também com casos de matiz “sociobioló-

1 Ver p. 259 deste volume. [N.E.]

gico”, nos quais os genes são investidos de tanta agência causal que não sobra mais nada para que os animais “agidos” por seus genes egoístas façam por conta própria. De várias formas diferentes, o reducionismo se revela um ideal inalcançável assim que começamos a colocar em cena o equipamento de experimentação através do qual a “redução” é alcançada. Problemas interessantes continuam a se proliferar o tempo todo.

Em nenhum momento essa contradição interna é mais visível do que no caso de Konrad Lorenz. Na fábula que poderia se chamar “O pavão e o cientista”, Despret escreve:

os etologistas que o seguiram aprenderam a ver os animais como limitados a “reagir” mais do que a vê-los como seres que “sentem e pensam”, excluindo toda possibilidade de considerar a experiência individual e subjetiva. Os animais vão perder uma condição essencial da relação: a possibilidade de *surpreender* aquele que os investiga. Tudo se torna previsível. As causas substituem as razões para agir, sejam elas lógicas ou fantasiosas, e o termo “iniciativa” desaparece em benefício do termo “reação”.²

Só que Lorenz também é lembrado por ter renovado muitas das atitudes iniciais de atenção e respeito diante do comportamento surpreendente dos animais. Então, no fim das contas, seria Lorenz um empirista aditivo ou subtrativo? Ah, se ao menos Tschock, a gralha, pudesse contar o lado dela da história!

Para mim, a razão principal por que as morais extraídas, fábula após fábula, são tão importantes para as humanidades científicas e, de modo mais amplo, para a filosofia se deve ao fato de que aquilo que Despret mostra a respeito dos animais, principalmente os do século xx, em suas relações com humanos é o que ocorreu em séculos

passados com entidades físicas, químicas e bioquímicas. O número incontável de relações que os humanos mantiveram com materialidades foi canalizado em um conjunto muito mais estreito de conexões estabelecidas com o que veio a ser conhecido como “matéria”. A materialidade e a matéria são conjuntos de fenômenos tão distintos entre si quanto o macaco estudado em campo por Shirley Strum (na fábula “O babuíno e a moça de Berkeley”) o é com relação ao macaco sentado na cadeira do laboratório behaviorista dos anos 1970. Salvo que, nesse caso, a exclusão das outras vozes, atitudes, habilidades e hábitos é percebida com tanta naturalidade que não ouvimos e tampouco conseguimos imaginar a enorme operação em curso para disciplinar agências e, aqui também, inanimar a materialidade de forma bastante vigorosa, de modo a obter, por fim, algo como “um mundo material”. E é aí, dentro desse “mundo material” altamente simplificado, que os pobres animais – humanos incluídos – são inseridos e têm de se virar na vida.

Mas, assim que somos infectados pela lição generosa de Despret, é impossível parar de expandir o que aprendemos para outros lugares, por exemplo a física e a química. Afinal de contas, foi Alfred North Whitehead, outra grande influência para o método de Despret, que afirmou que também na física devemos aprender a nos tornar, mais uma vez, empiristas aditivos, e não subtrativos:

para a filosofia natural, tudo quanto é percebido encontra-se na natureza. Não podemos empreender uma seleção rigorosa. Para nós, o fulgor avermelhado do poente deve ser parte tão integrante da natureza quanto o são as moléculas e as ondas elétricas por intermédio das quais os homens da ciência explicariam o fenômeno. Cabe à filosofia natural analisar como esses diferentes elementos da natureza se interligam.³

2 Ver p. 80 deste volume. [N. E.]

3 Alfred North Whitehead, *O conceito de natureza*, trad. Julio B. Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 37. [N. T.]

A grande beleza da obra de Despret é que sua autora é de fato uma “filósofa natural” que renova por completo não apenas o alcance dos temas geralmente abordados pela filosofia, mas também o conjunto de agências potenciais com que a “natureza” é investida. E, além do mais, Despret faz tudo isso com invenções estilísticas – as fábulas científicas – que, em seus ritmos, seu humor e sua profundidade de conhecimento sobre tantos ambientes experimentais, imitam com exatidão aquilo de que precisamos para recuperar uma conexão com animais inteligentes levados a dizer coisas inteligentes por dispositivos inteligentes de cientistas por eles tornados inteligentes – com “eles”, no caso, correspondendo a, bem, cada um desses elementos assim reunidos. Façamos o seguinte experimento mental: comparemos o que se esperava que os lobos, macacos, corvos, vacas, ovelhas, golfinhos e cavalos fossem capazes de fazer trinta anos atrás e as capacidades que lhes são atribuídas hoje; o que se abre diante de nós é um mundo inteiramente novo de capacidades.

O problema, e o que torna o trabalho de Despret ainda mais interessante, é que essa expansão das capacidades dos animais não tem paralelo com o que os agentes “humanos” deveriam ser capazes de fazer. É aqui que a obra dela se torna significativa para a filosofia política. Trata-se daquilo que Donna Haraway – outra influência crucial sobre a atitude de Despret – alcançou ao oferecer as relações mútuas estabelecidas com sua cachorra Cayenne como exemplo do tipo de atenções que seriam necessárias para que mais uma vez nos tornássemos agentes políticos. Privados da atenção dada por outra “espécie companheira”, os humanos perderam a capacidade de se comportar como *humanos*. É isso que faz da luta contra o antropomorfismo tão irônica: hoje a maioria dos humanos não é tratada por sociólogos ou economistas com tanta generosidade quanto lobos, corvos, papagaios e macacos são tratados por seus próprios cientistas. Em outras palavras, um livro chamado *O que diriam os humanos... se fizéssemos as perguntas certas?* ainda precisa ser escrito. O que é certo, por enquanto, ao menos nas mãos infalíveis de

Vinciane Despret, é que os animais parecem capazes de contar um número bastante significativo de contos morais que trariam enormes benefícios para os humanos, caso estes fossem autorizados por *seus próprios* cientistas a ouvi-los.

TRADUÇÃO Humberto do Amaral

BRUNO LATOUR é doutor em filosofia pela Université de Tours e em antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. É professor convidado na Cornell University, professor emérito da Sciences Po, *fellow* do Zentrum für Kunst und Medien (ZKM) e professor convidado na Staatliche Hochschule für Gestaltung (HfG). Em 2013, recebeu o Holberg, um dos prêmios mais relevantes na área das ciências humanas. Este texto foi publicado originalmente como prefácio à edição estadunidense, *What Would Animals Say If We Asked the Right Questions?* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016).